



CLASSES INTEGRAIS DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ: O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

*CLASSES INTEGRAIS AT COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ: THE TEACHING
OF THE ENGLISH LANGUAGE*

 **Sofia Bocca**

Doutoranda em Educação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR
Curitiba, PR – Brasil
sofia.bocca@hotmail.com

 **Rosa Lydia Teixeira Corrêa**

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR
Curitiba, PR – Brasil
rosa_lydia@uol.com.br

Resumo: Este artigo, cujo conteúdo é parte de uma dissertação de mestrado, expõe o resultado de uma pesquisa documental acerca do ensino de língua inglesa nas Classes Integradas – uma proposta de ensino diferenciada para o ensino secundário do Colégio Estadual do Paraná, na década de 1960. Por se tratar de uma época intensa histórica e politicamente, torna-se interessante observar como se estruturava o ensino dessa língua. Assim, nessa pesquisa, analisamos o ensino de línguas nos seguintes aspectos: quais línguas eram ofertadas, quais os conteúdos trabalhados e de que forma se dava o ensino; atentando para o movimento de propensão da língua inglesa em detrimento de outras. Para tanto, esta análise histórica tem como fonte não só a pesquisa bibliográfica, mas também os relatórios oficiais dos professores do Colégio em questão.

Palavras-chave: classes integradas; Colégio Estadual do Paraná; ensino de inglês.

Abstract: This article, whose content is part of a master's thesis, exposes the result of documental research on the teaching of English in Classes Integradas – an alternative teaching proposal for secondary education at Colégio Estadual do Paraná, in the 60s. Because it was a historically and politically important time, it is interesting to observe how the teaching of this language was structured. Thus, in this research, we analyzed language teaching in the following aspects: which languages were offered, which content was worked on, and how teaching was performed; highlighting the preference for the English language to the detriment of others. Therefore, this historical analysis has as its source not only the bibliographical research but also the official reports of the teachers who worked at that school.

Keywords: classes integradas; Colégio Estadual do Paraná; english teaching.

Para citar – ABNT NBR 6023:2018

BOCCA, Sofia; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Classes integradas do colégio estadual do Paraná: o ensino da língua inglesa. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 31-42, jan./jun. 2024. <https://doi.org/10.5585/cpg.v23n1.24003>

1 Introdução

O século XX veio carregado de mudanças em diversos campos – econômico, político, social –, que refletem nas condições de nossa sociedade atualmente. Um campo que passou por grandes transformações foi o da educação, vejamos algumas.

Iniciando pelo período do Governo Provisório e Estado Novo, de 1930 até 1945, período de passagem de um modelo econômico para outro, da agricultura para a indústria, portanto migrando do rural para o urbano, Getúlio Vargas iniciou um projeto de nacionalização, ampliando as vagas nas escolas, visando ao florescimento do pensamento científico e o estudo aprofundado do idioma nacional.

A partir de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e início da redemocratização brasileira – que seria novamente interrompida duas décadas depois –, projetos renovadores inspirados nos modelos norte-americanos e franceses passaram a ser apropriados pelas escolas, em especial no que diz respeito ao ensino secundário.

O período de 50 a 60 foi de internacionalização da economia brasileira. Trata-se de um período nacional-desenvolvimentista, um modelo associado ao capital internacional, cuja referência eram os Estados Unidos da América. Desse modo, ao mudar a política, o sistema educacional também foi modificado. Uma dessas mudanças foi o aumento do interesse pela língua inglesa, que, ao lado do francês, era ensinada nas escolas brasileiras com fins práticos, de formação para o trabalho.

A década de 60 foi muito marcante para a história do nosso país. Houve mudança na organização do ensino, como a repercussão do ideário da Escola Nova na primeira Lei de Diretrizes e Bases, implantando novas pedagogias e reforma no ensino universitário; também houve a instituição do regime militar, entre outros acontecimentos. Apesar das mudanças na educação, as reprovações no curso ginásial era um fator preocupante em nível nacional, fazendo com que o Ministério de Educação autorizasse alguns estabelecimentos de ensino a criarem Classes Experimentais. Elas previam ação e participação dos alunos, considerando seus interesses e experiências; para isso, as salas deveriam ter um número reduzido de alunos com períodos de atividades mais prolongados. No Paraná, o Colégio Estadual ficou responsável por essa criação, denominando-as Classes Integrais. Devido ao seu valor, esse colégio é uma importante referência de estudo para reflexões sobre a educação paranaense.

Assim, nosso interesse está em estudar as Classes Integrais, em especial o ensino de línguas estrangeiras que foi desenvolvido no Colégio Estadual do Paraná. Para tanto, pretendemos responder algumas perguntas: quais línguas eram ofertadas? quais os conteúdos trabalhados? de que forma

se dava o ensino? havia propensão da língua inglesa em detrimento de outras?

O artigo está dividido em seções que abordam sobre os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa, uma breve exposição cronológica da história do Colégio Estadual do Paraná, uma descrição das Classes integrais, a língua inglesa nessas classes e as considerações finais.

2 Procedimentos teóricos e metodológicos

Esta pesquisa se vale da História Cultural, baseando-se nos preceitos de Chartier (2002), quando aponta que seu objetivo principal é identificar como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade foi pensada, construída e interpretada. Essas representações do mundo social são determinadas pelos interesses de um grupo e são percebidas no discurso. É pelo discurso que se produz e reproduz determinadas práticas sociais e políticas. Assim, a História Cultural engloba além dos objetos da cultura material, a linguagem, as representações, as práticas e os sujeitos.

Por esse viés, Chervel (1990) destaca que uma disciplina escolar comporta, além das práticas docentes em sala de aula, as finalidades que a constituíram e o fenômeno de aculturação que ela determina, de modo que a escola forma tanto indivíduos, como também uma nova cultura.

Desse modo, a história das disciplinas escolares nos permite compreender o espaço escolar, por meio das práticas de ensino realizadas em sala de aula e dos objetivos que levaram à constituição das disciplinas, identificando as finalidades que uma disciplina assume em determinada época e em determinado local. Para isso, o historiador se utiliza do que está explícito nos programas, nos planos de estudos e nos livros, para, então, alcançar as práticas concretas.

Levando em conta os apontamentos acima e que o Colégio Estadual do Paraná possui, desde 2009, um Centro de Memória, cujo propósito é preservar, organizar e divulgar a sua história, foi nesse espaço que tivemos acesso aos registros do acervo relacionados à memória e trajetória do colégio.

Os documentos utilizados nesse estudo foram de duas naturezas, as fontes primárias como relatórios, anais e registros dos professores presentes no Centro de Memória, além de fontes secundárias como os estudos anteriores realizados por pesquisadores da área. Eles nos forneceram dados acerca das Classes Integrais (1960 a 1967) e do ensino da língua inglesa nessa instituição.

3 Colégio Estadual do Paraná

O Colégio, popularmente denominado CEP ou Estadual, é uma tradicional instituição estadual de ensino, localizada no centro de Curitiba, capital do estado do Paraná. É, também, um espaço para atividades esportivas, culturais e sociais. Apresentamos, de forma abreviada, aspectos

relevantes de sua história, que vem sendo construída há mais de 170 anos

Em 1846, foi criado o Liceu de Curitiba por lei sancionada pelo Presidente da Província de São Paulo, Marechal Manoel da Fonseca Lima e Silva. Nessa época, a região do Paraná ainda pertencia à Província de São Paulo, obtendo sua autonomia somente em agosto de 1853. A Lei nº 33, que decretava a criação de dois liceus na província – um em Taubaté e outro em Curitiba – em seu artigo 1º descrevia que, para a educação secundária, “[...] se ensinarão as seguintes matérias: Grammatica Latina, lingua Francesa, Philosophia racional e moral, História geral especialmente do Brasil, Geographia, e Geometria prática, e noções geraes de machanica applicada às artes.” (Lei Nº33 apud Straube, 1993, p. 9).

No entanto, até o ano de 1854, o Liceu ainda não havia se consolidado, “nem mesmo era julgado existente pelo governo” (Straube, 1993, p. 13), de forma que, ao ser sancionada a Lei Nº17, que criava na capital da Província as cadeiras de Latim, Francês e Inglês, o artigo 6º estabelecia que essas cadeiras seriam preenchidas tão logo fosse estabelecido um Liceu.

Nesse mesmo ano, foi inaugurada a primeira sede própria do Liceu, que teve, em 1857, a primeira Biblioteca Pública da Província – atual Biblioteca Pública do Estado do Paraná – instalada em suas dependências. O ensino secundário no Paraná não gozava de muito prestígio, não conseguindo manter seus alunos, o que ocasionou na extinção do Liceu e sua substituição por um colégio subvencionado. Porém, em 1872, o Liceu foi reinaugurado em nova sede e, em 1876, com o regulamento e ensino reformados, passou a se chamar Instituto Paranaense, anexo ao qual foi instalada a Escola Normal – atual Instituto de Educação Prof. Erasmo Pilotto – e “[...] uma escola primária onde os alunos da Escola Normal pudessem exercitar-se no ensino prático [...]” (Straube, 1993, p. 26).

No ano de 1892, o Instituto Paranaense foi denominado *Gymnásio Paranaense* e, em 1900, foi equiparado ao carioca *Gymnásio Nacional* – antes chamado *Colégio Pedro II*, e que voltaria a ser assim denominado no ano seguinte. O curso completo, então, se daria em 7 anos. Em 1904, mudou novamente de sede, “[...] este prédio viria a ser a terceira sede própria desde 1846 e a quinta localização [...]” (Straube, 1993, p. 48). Em 1918, foi criado o *Gymnásio Paranaense Internato* – que, em 1925, passou a funcionar sob a direção do *Gymnásio Paranaense Externato*.

Com o aumento progressivo de sua busca e a inauguração da sede própria, a Escola Normal desvinculou-se do *Gymnásio Paranaense*, em 1922. Em 1934, foi criado o curso *Pré-Ginásial*, para o ingresso no *Curso Fundamental*. O *Curso Fundamental* de 5 anos foi acrescido ao *Curso Complementar* de 2 anos em 1936, compreendendo as classes *Pré-Médico*, *Pré-Jurídico* e *Pré-Engenheiro*. Em 1942, o *Gymnásio Paranaense* foi nomeado *Colégio Paranaense - Externato*. No mesmo ano, a Reforma Capanema transformou o *Curso Fundamental* em *Curso Ginásial*, com 4

anos de duração, e o Curso Complementar em Curso Colegial, de 3 anos, com o Clássico e o Científico.

Em 1943, foi mudada a denominação para Colégio Estadual do Paraná. O Ginásio Paranaense Internato passou a se chamar Colégio Paranaense, desvinculando-se do Estado. Em 1944, iniciou-se a construção da atual sede, inaugurada em 1950 pelo então Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra e pelo Ministro da Educação e Cultura, Professor Clemente Mariani. Em 1955, foi aprovado o Regime Interno dos Ginásios e Colégios do Estado, determinando que o CEP teria regime próprio, dadas as suas características de instalação e longevidade funcional. Ainda, a Lei Estadual 4.978, de 1964, transformou o Colégio em órgão próprio da Secretaria de Estado da Educação, implicando em autonomia administrativa e financeira. A partir de então, o Colégio promoveu feiras de ciências, criou planetário, banda musical, museu, entre outros.

O Colégio também dispõe, regulamentado em 1986, de um centro de línguas, o CELEM (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas), cujas aulas – de Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Japonês e Polonês – são oferecidas gratuitamente não só para alunos, mas também à comunidade.

Esses aspectos históricos do Colégio nos mostram que ele passou por diversos formatos com finalidades específicas, em conformidade com os projetos e políticas do país, modificados a cada período.

4 Classes Integrais

Na década de 1920, quando o país passava por transformações sociais, políticas e econômicas, e o mundo vivia o crescimento industrial e urbano, um grupo de intelectuais, o qual inclui Anísio Teixeira, inspirados nos modelos de ensino europeu e norte-americano, julgou necessário promover mudanças na educação para que o Brasil pudesse acompanhar esse desenvolvimento. A educação era vista como responsável pelo desenvolvimento econômico e social, ou seja, considerada chave na “salvação” da nação. Buscava, então, formar indivíduos capacitados para se integrar à essa sociedade emergente (urbana, industrial, moderna e democrática). Para tanto, era necessário haver mudança no programa, no método e no currículo, a fim de atender ao novo público e à essa nova finalidade do ensino.

Tendo os caminhos abertos pelos ideais *escolanovistas*¹, nos finais dos anos 1950 e meados de 1960, uma das propostas de inovação pedagógica do ensino secundário foram as Classes Experimentais. Elas tinham a intenção de transformar o ensino secundário – da primeira até a quarta

¹ A Escola Nova propunha o ensino progressista, por meio de método ativo, com os ideais de direito à educação pública e gratuita a todos os cidadãos, desenvolvendo a autonomia do educando e combatendo desigualdades sociais.

série do ensino ginásial –, principalmente no que diz respeito ao acesso a esse nível de ensino, a fim de que deixasse de ser exclusividade das elites. Em suma, buscavam “[...] desenvolver um currículo adaptado às condições dos alunos e às solicitações de uma sociedade democrática em crescente fase de industrialização, urbanização e modificada pelas novas descobertas científicas [...]” (Chaves Junior, 2016, p. 520).

Uma pesquisa de Dallabrida (2018) aponta que, seguindo os mesmos princípios das *classes nouvelles* – proposta pedagógica inovadora e alternativa para o ensino secundário francês –, as Classes Experimentais seriam conduzidas apenas em instituições que apresentassem condições pedagógicas para a experiência, além de um número reduzido de professores, credenciados, aptos a realizar reuniões frequentes. Os alunos deveriam apresentar o consentimento dos pais ou responsáveis, os quais também participariam de reuniões periódicas. O currículo, buscando formação humana, deveria atender às aptidões individuais e propor maior articulação entre as disciplinas, por meio dos métodos ativos. Além disso, deveria haver, no máximo, 30 alunos em cada turma. O tempo prolongado de permanência na escola seria ocupado com atividades extraclasse.

Importante esclarecer a questão da nomenclatura: o que foi chamado de Classe Experimental em todo o país, no Colégio Estadual do Paraná foi denominado Classe Integral. Apesar dos nomes diferentes, se trata de experiência pedagógica similar.

As pesquisas de Chaves Junior (2016) e os registros anuais de professores analisados no Centro de Memória, em conformidade com as indicações em documentos oficiais sobre as Classes Experimentais, relatam que, para o ingresso em tais classes, o aluno deveria ser aprovado no Exame de Admissão, ter o consentimento dos pais, e atender a alguns critérios de seleção, tais como: os pais terem residência fixa na cidade e próxima ao colégio, ter condução própria, ter a intenção de cursar os quatro anos ginásiais, ter boa redação e leitura. Além disso, não eram aceitos os filhos de militares ou pessoas sujeitas a transferência, candidatos que dependiam de duas conduções até a escola, meninos com mais de 13 anos de idade – para evitar heterogenia quanto a maturidade na mesma turma, além de que poderiam começar a trabalhar no decorrer do período dos 4 anos, abandonando as Classes Integrais e indo para as Classes Comuns. Posteriormente, os critérios foram aumentando devido ao sucesso das Classes.

Desses critérios, resultou que, de acordo com os Relatórios Anuais das Classes Integrais, para as Classes de 1961, de 219 aprovados no exame de admissão, 103 candidataram-se às vagas e 50 foram selecionados para a 1ª série. Igualmente, em 1962, foram usados os mesmos critérios e, de 243 candidatos, 50 foram selecionados para a 1ª série; para as 2ª e 3ª séries, os alunos foram divididos conforme a escolha pela língua estrangeira (francês ou inglês) e a opção pela aula de Religião. Esses dados mostram o aumento no interesse por essas Classes.

Chaves Junior (2016) refere que as classes funcionavam com os seguintes horários, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Horário e atividades das classes integrais

	Período	Atividades
2 ^a a 6 ^a feira	7h20 – 11h50	Aulas de Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Francês, Inglês ou Latim, Desenho e Educação Física
	13h50 – 17h30	Reforço das disciplinas da manhã. Aulas de Música, Artes Aplicadas e Religião
Sábado	7h20 – 9h50	Avaliação do rendimento escolar

Fonte: As autoras (2024).

A avaliação era bimestral e se atribuía conceitos (A, B, C ou D); além dos conhecimentos também se avaliava a conduta do aluno quanto a pontualidade, cooperação, atenção, interesse, boas maneiras e ordem nos trabalhos.

O autor descreve que “[...] os resultados obtidos com a experimentação pedagógica poderiam ser utilizados para a resolução dos altos índices de reprovação e evasão [...]” (Chaves Junior, 2016, p. 531), isto é, acreditava-se no potencial desse modelo experimental, diferente do padrão tradicional de ensino proposto na Reforma Capanema, para solucionar o problema do demérito do ensino secundário no Brasil.

Em um de seus trabalhos sobre as Classes Integrais, Chaves Junior (2018) descreve o processo de elaboração do projeto das tais Classes. Ao analisar registros das reuniões dos professores do CEP, como um de 1959, percebe-se frequente referência ao Método de Ensino por Unidades Didáticas, embasado nas teorizações de Henry Morrison² – que também aparecem nos relatórios anuais das Classes Integrais de 1961 a 1966 que tivemos a oportunidade de analisar. Antes da implantação desse novo modelo, o autor afirma que, em 1957, foi desenvolvido, com natureza experimental e temporária, um “pequeno colégio”, dentro do próprio Colégio Estadual do Paraná, denominado Colégio Experimental.

Essa tentativa de inovação no ensino com caráter de reformulação e democratização da educação escolar, como foram as Classes Integrais, apesar do sucesso e benefícios trazidos, por motivos administrativos, estruturais e financeiros, em 1967, foi interrompida e seus alunos migraram para as Classes Comuns.

Sendo o foco desse trabalho o ensino da língua inglesa nesse contexto, passamos para a

² Educador norte-americano que propôs o ensino pelo “Método de Unidades Didáticas”. Em busca de inovação, projetos escolares fundamentados na noção de unidade do “Plano Morrison” foram adotados em algumas escolas no Brasil. Tal proposta constituía no estabelecimento de um conjunto de temas relacionados compondo um plano de ensino progressivo.

exposição das aulas de línguas estrangeiras modernas, conforme os registros dos professores existentes no Centro de Memória do CEP.

5 A língua inglesa nas Classes Integradas

Muitos podem ser os motivos para inclusão e consolidação de uma disciplina nos currículos escolares. Para entendermos essa inserção ou exclusão, devemos analisar o contexto. Por isso, traçamos esse percurso até chegarmos na disciplina da língua inglesa.

Em 1961, com a Lei 4.024, a educação passou a ser tratada como política de estado, sendo lançadas diretrizes e parâmetros que representavam nortes, possibilidades de conteúdos e métodos, mas que permitiam interferência das instituições, que necessitavam de adequações às suas realidades. Dessa forma, o ensino de Língua Estrangeira perdeu a obrigatoriedade, sendo sua inclusão ou exclusão responsabilidade de cada estado. Resultou que algumas escolas mantiveram o francês e o inglês, como foi o caso do Colégio Estadual do Paraná, mas outras não ofereciam o ensino da língua inglesa.

No que diz respeito às Classes Integradas:

[...] estava previsto o trabalho com o “Francês, em forma recreativa” ao longo da 1ª série do curso. No primeiro semestre da 2ª série, os alunos frequentariam aulas de Inglês e Francês para que pudessem no segundo semestre optar por uma delas ou, demonstrando “gosto e aptidão”, continuar com ambas (Chaves Junior, 2016, p. 532).

O quadro abaixo apresenta a oferta das línguas vivas. Observamos não só a abertura gradual, devido à alta procura, de novas séries, mas também as predileções por determinadas línguas estrangeiras:

Quadro 2 – Relação das línguas estrangeiras ofertadas por séries

ANO	SÉRIES	LÍNGUAS OFERTADAS		
1961	1ª série 2ª série	INGLÊS / FRANCÊS / LATIM		
		Não	Sim	Não
1962	1ª série 2ª série 3ª série	Sim	Sim	Sim
		Não	Sim	Não
		Sim	Sim	Sim
1963	1ª série 2ª série 3ª série 4ª série	Sim	Não	Não
		Sim	Não	Não
		Sim	Sim	Não
		Sim	Sim	Sim
1964	1ª série 2ª série 3ª série 4ª série	Sim	Não	Não
		Sim	Não	Não
		Sim	Não	Não
		Sim	Sim	Não
1965	1ª série 2ª série 3ª série 4ª série	Sim	Não	Não
		Sim	Não	Não
		Sim	Não	Não
		Sim	Não	Não

ANO	SÉRIES	LÍNGUAS OFERTADAS		
1966	1ª série 2ª série	Sim	Não	Não
	3ª série 4ª série	Sim	Não	Não
		Sim	Não	Não
		Sim	Não	Não

Fonte: Bocca; Corrêa (2022).

De acordo com os dados dos relatórios, os alunos apresentavam maior predileção pelas aulas de língua inglesa. Assim, conforme as novas turmas foram abrindo, as aulas de inglês foram ganhando destaque, e o francês foi perdendo notoriedade. Em 1962, os alunos da 2ª série, no 2º semestre de aula, tiveram que optar por uma língua, e o resultado foi que 39 alunos optaram pelo inglês, e apenas 7 escolheram o francês. De acordo com o relatório de 1963, devido ao baixo interesse pelo francês, e também ao fato de acreditarem que o estudo de apenas uma língua durante os 4 anos ginasiais poderia ser mais produtivo, a língua foi suprimida em caráter experimental, e o inglês inserido desde a 1ª série. Da mesma forma, o latim não teve demanda, possivelmente pela falta de incentivo expressa pela LDB de 1961, sendo suprimido definitivamente. Então, os alunos que já participavam das aulas dessas duas línguas puderam concluí-las até o fim do ano. Porém, elas não foram mais ofertadas no ano seguinte para novos alunos, e se extinguiram por completo em 1964.

O ano letivo era organizado bimestralmente e a opção pela língua inglesa ou francesa – enquanto ainda era oferecida – era realizada semestralmente. Eram oferecidas de duas a quatro aulas de línguas semanais, dependendo da série e da escolha pelo francês ou inglês.

Sobre o uso de livros didáticos, nos relatórios de 1961 e 1962, nada consta. O relatório de 1963 aponta que, para a 1ª série, durante este primeiro estágio, cuja ênfase estava na oralidade, não havia sido adotado um livro didático ainda, o que nos permite supor que, posteriormente, algum livro didático fora adotado. Apesar de não haver informação quanto a isso, há descrições detalhadas sobre os conteúdos e desenvolvimento das aulas. *Gatenby II* é citado como um livro de apoio no relatório da 3ª série de 1963, mas não há detalhes. Já no relatório da 4ª série, desse mesmo ano e de 1965, consta que foram introduzidos alguns exercícios do livro – *Beginning lessons in English*. No relatório da 3ª série de 1964, foi descrito que, como meio didático auxiliar, foi adotado o livro-texto do Centro Brasileiro de Ensino Linguístico pelo seu ensino com o método direto, sob a forma de folhas avulsas. No documento da 4ª série desse ano, são citados novamente os livros de *Gatenby I e II – Direct Method*. Ao que tudo indica, eram retirados textos, poemas e contos desses livros didáticos e trabalhados com os alunos. Porém, não há mais informações sobre o uso do livro como um todo. É possível que isso se justifique pelo fato de ser uma proposta que adota o método ativo, que vai contra o ensino livresco.

De acordo com os registros dos professores, no decorrer das 4 séries, as aulas tinham como foco a oralidade, havendo muita repetição e revisão, sendo ensinados vocabulários e estruturas gramaticais em situações específicas do cotidiano dos alunos como, por exemplo, a descrição de suas escolas, hábitos e atividades de estudantes, família, cidades, esportes, corpo humano, alimentação, animais, situações de compras ou ida ao cinema.

Como atividade extracurricular, era oferecido o “Clube do Sing Song” onde cantavam canções em inglês, possibilitando a interação dos alunos e oportunizando a prática da língua inglesa.

Também foi registrado que os assuntos eram trabalhados de forma interdisciplinar e com grande variedade de recursos: atividades orais, jogos, atividades escritas, apresentações musicais, revistas, filmes, etc. O projeto “Entrosamento das disciplinas” previa o trabalho de diversas disciplinas acerca do mesmo tema. Por exemplo, em Português, liam sobre a vida urbana em Roma; na aula de Desenho, eram trabalhados os estilos arquitetônicos e artísticos romanos; em Música, eram trabalhadas músicas romanas; em Inglês, o vocabulário sobre meios de transporte; e em Francês, os monumentos romanos.

Os registros apontam que os objetivos foram atingidos, já que os alunos comprovaram domínio razoável do idioma. Segundo os documentos, os alunos eram avaliados por meio de atividades – individuais e em grupo – escritas e orais, além dos critérios mencionados anteriormente, como suas condutas em sala de aula.

6 Considerações finais

As Classes Experimentais, inspiradas nas propostas de renovação do ensino secundário norte-americano e francês, tinham o objetivo de aplicar métodos novos e práticas escolares renovadoras. Daí sua importância na história do ensino secundário brasileiro, o qual clamava por renovação, já que esse nível de ensino se propagava e se popularizava. Esse experimento foi realizado, na década de 1960, em alguns colégios localizados em diferentes estados do país, dentre eles, o Paraná.

As Classes Integrais, como foram denominadas as Classes Experimentais, se desenvolveram no Colégio Estadual do Paraná a fim de trazer inovações educacionais em uma época de novas configurações políticas, econômicas e sociais – representando a busca por atender à nova realidade. A escola secundária, com novos objetivos e funções, pretendia se tornar menos uniforme e rígida, propondo, portanto, trabalhos em equipe, na intenção de reduzir o individualismo, além da aplicação de métodos progressistas, ativos, que visavam desenvolver a autonomia do pensamento nos alunos – estimulados a buscar soluções aos problemas, sem a imposição do parecer do professor.

Apesar de ter deixado de existir em um curto período de tempo, foi uma proposta inovadora. Em razão da importância da instituição – o CEP –, e do contexto em que se desenvolveu, simbolizou grande novidade no ensino secundário no período de 1961 a 1967.

Foi possível observar, por parte dos alunos, a aceitação e opção pelo estudo da língua inglesa em detrimento da língua francesa. Ainda, por meio dos registros anuais dos professores, observou-se como era proposto o trabalho com a língua inglesa: menos engessado, mais prático e dinâmico. Foi um período em que o método ativo foi implantado no ensino de língua inglesa, priorizou-se a oralidade e a gramática foi inserida no cotidiano, com o uso de canções, revistas, jogos, filmes e atividades interdisciplinares.

Podemos dizer que essa experiência, implantada em nível nacional, trouxe o método direto para a escola pública. Método que defendia o ensino do inglês como contribuidor para a formação de objetivos culturais e educativos; para isso, trabalhava as quatro habilidades: leitura, escrita, compreensão oral e comunicação. Tal método foi um passo importante para chegar no que se tem defendido hoje. Foi um momento em que o ensino de língua inglesa difundia a cultura norte-americana; atualmente, a perspectiva defendida é outra. Hoje, espera-se que haja discussões sobre as diferenças e semelhanças entre as culturas estrangeiras e a cultura materna, desenvolvendo, assim, uma abordagem intercultural.

Justificamos assim a relevância dos estudos em história da educação, pois, apesar de centrarmos em um recorte temporal, eles nos auxiliam a compreender o processo evolutivo, seja de uma instituição educativa, uma disciplina ou um processo de ensino e aprendizagem, seja de algum outro tema, dentre tantos estudados na área. No caso dessa pesquisa, nos apropriamos mais especificamente da história de uma disciplina escolar, nos debruçando sobre o ensino de língua inglesa e, com isso, pudemos mostrar sua inserção e consolidação na escola brasileira, a partir das práticas docentes, das finalidades, do fenômeno de aculturação que ela determinou, de tal modo que observamos a escola formando sujeitos e culturas.

Referências

BOCCA, S; CORRÊA, R. L. T. *Língua inglesa nas Classes Integrais nos anos 1960: um estudo no Colégio Estadual do Paraná*. In: Cadernos de História da Educação, v.21, p.1-17, e135, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-135>

BRASIL. *Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 10 de julho de 2018.

CHAVES JUNIOR, S R. *As inovações pedagógicas do Ensino Secundário brasileiro nos anos 1950/1960: apontamentos sobre as classes integrais do Colégio Estadual do Paraná*. In: Cadernos de História da Educação, v.15, n.2, p. 520-539, maio-ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v15n2-2016-4>

CHAVES JUNIOR, S R. *A inspiração nos trabalhos dos grandes centros de estudos pedagógicos: considerações sobre as classes integrais do Colégio Estadual do Paraná (1960-1967)*. História da educação, v. 22, p. 81-100, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/80457>

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2.ed. Difel, p.13-28, 2002.

CHERVEL, A. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria & Educação, Porto Alegre, v. 2, p. 177-229, 1990. Disponível: https://edisciplinas.usp.br/plugin-file.php/3986904/mod_folder/content/0/Chervel.pdf

COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ (CEP). *Relatório anual. Classes Integrais. Curitiba. 1961-1966*. Acervo do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná.

DALLABRIDA, N. *Circuitos e usos de modelos pedagógicos renovadores no ensino secundário brasileiro na década de 1950*. Hist. Educ., Santa Maria, v. 22, n. 55, p. 101-115, ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/80587>

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO do Colégio Estadual do Paraná. 2017. Disponível em: http://www.cep.pr.gov.br/arquivos/File/2018/Divisao_Educacional/PPP_2017_FI-NAL_MARCO2018.pdf Acesso em: 20 de julho de 2018.

STRAUBE, E C. *Do Liceo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná 1846-1993*. Curitiba, PR: Fundepar.1993.